



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 8 DE NOVEMBRO DE 1995

*Senhor Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Luiz Felipe Lam-
preia; Senhor Secretário de Comunicação Social, Embaixador Sérgio Ama-
ral; meu amigo Governador de Minas, Eduardo Azeredo; Maurílio Ferreira
Lima, Presidente da Radiobrás; Senhores Senadores; Senhores Deputados;
Senhor Prefeito de Governador Valadares; Senhoras e Senhores,*

Há muito tempo, eu tenho uma preocupação grande com essa questão dos brasileiros que vivem no exterior, até porque nós vivemos no exterior. Alguns de nós aqui presentes sabemos, como eu dizia naquela época, como é amargo o caviar do exílio. Isso para os que tinham caviar. Mas é sempre amargo, mesmo o caviar. Além disso, o Brasil descobriu, com certa surpresa, que ele passou a ser um país de emigração, não só de imigração.

Hoje, os brasileiros que vivem no exterior se contam, talvez, por um número acima de 1 milhão. Não se sabe, com muita certeza, quantos são, mas é um número respeitável, que foi se adensando. Em certos períodos, foi mesmo preocupante a ida de brasileiros para o exterior. É claro que esses brasileiros que foram para o exterior foram porque não

encontravam aqui, ou não tinham a percepção de que, pelo menos, pudessem vir a encontrar, condições decentes de vida. Não só como no passado, por razões políticas – como muitos de nós fomos viver fora –, mas agora, por razões até mais preocupantes. Porque política a gente muda. Mas, quando a condição estrutural leva à emigração, a mudança é mais difícil. Muitos perderam a fé na possibilidade de encontrar, no Brasil, o caminho de decência para si e para suas famílias e foram embora de forma maciça, buscando melhores condições de vida lá fora.

É certo que a situação foi melhorando, e, hoje, espero que seja outra. Os que votaram pensando num futuro melhor, espero não decepcioná-los. Estamos construindo um futuro melhor para os brasileiros, e já se notam – não vou repeti-los aqui – indicadores alvissareiros quanto à possibilidade de crescimento econômico e à questão sempre preocupante do emprego.

Nós temos que criar expectativas positivas para que eles possam voltar. Mas é do mundo moderno também que haja deslocamento de populações.

Então, com perspectivas positivas ou não, em um país como o nosso, com essa população que tem, com esse dinamismo que tem, que está se transformando e criando profissões, que, de alguma maneira, se globalizam também, é natural que, como preocupação permanente, o Estado se ocupe dos brasileiros que vivem fora.

Disse o Ministro Lampreia que, desde quando eu estava na Chancelaria, eu me preocupava com essa questão, e é verdade. Nós fomos ao Japão. O Ministro Lampreia voltou agora, recentemente, do Japão. Eu irei ao Japão de novo, no ano que vem. Fui a Nagóia, porque lá há uma concentração grande de brasileiros, e tive encontro com brasileiros que vivem ali. Não é só em Nagóia que vivem. São cerca de 160 mil brasileiros que vivem no Japão. Ainda ontem, na inauguração da Exposição Comemorativa do Centenário do Tratado de Amizade entre o Brasil e o Japão, eu me referia a isso.

É uma experiência, ao mesmo tempo, triste, porque, muitas vezes, as pessoas vão e não gostariam de ter ido, e rica, por outro lado, porque aprendem, têm trabalho, aprendem a trabalhar de certa ma-

neira, remetem recursos para o Brasil, vultosos recursos, que estão vindo através de remessas de brasileiros que vivem no exterior e mantêm suas famílias aqui. Eu vi, lá no Japão, visitei em Tóquio, num subúrbio de Tóquio, uma agência que cuida dos brasileiros e peruanos que são de origem japonesa, que têm direito de trabalhar por dois anos no Japão.

Bem, esse pessoal precisa de assistência. Nos Estados Unidos é a mesma coisa. Quantas vezes os meus amigos lá dos Estados Unidos, sobretudo o Elio Gaspari e o Paulo Francis, que vivem lá, ou viviam – o Elio já voltou há tanto tempo – me diziam que há muita gente vivendo em Boston. É preciso que haja isso que já há, quer dizer, uma atenção direta. Nós criamos o Consulado em Boston, criamos o Consulado em Nagóia. Mas, agora, é um passo importante: há um departamento no Itamaraty que cuida disso exclusivamente, e temos agora um consulado itinerante. Quer dizer, é o Governo que vai ao brasileiro que está lá fora, não é o brasileiro que vem até o Governo.

Entre Nagóia e Tóquio, você vai dizer: “Ah! não, é longe.” Mas quantos ienes custa uma viagem de Nagóia a Tóquio para se poder ter atenção? Então, é preciso ter atenção lá no local onde os brasileiros estão vivendo, estão trabalhando. Creio que isso é algo importante.

É natural que esse pessoal nosso que está lá fora tenha uma preocupação com o futuro. Então, aqui, nós estamos atendendo também a essa preocupação com o futuro: primeiro, deles próprios; depois, dos pais com os seus filhos. Quanto à questão da Previdência, por que não assegurar a contribuição da Previdência e uma aposentadoria a esses brasileiros que estão trabalhando lá fora, que têm interrompido esse fluxo?

No futuro, nós vamos nos defrontar com um problema, talvez de maior magnitude, que é o Mercosul, em que vamos ter um fluxo de brasileiros, argentinos, uruguaios, paraguaios e, quem sabe, amanhã, de chilenos, bolivianos e outros mais, que vão trabalhar diferentemente. Primeiro, vêm as mercadorias, depois vêm os capitais e, depois, vêm as pessoas. Hoje, são os empresários, amanhã vão ser os trabalhadores, e nós vamos ter que cuidar disso.

Como é que fica a Previdência dessa gente? Pois nós estamos nos antecipando aqui, criando a possibilidade do desconto e, posteriormente, do atendimento previdenciário a esses brasileiros.

No Brasil, nós vamos reconstruindo aqueles canais indispensáveis de atendimento social, como, por exemplo, nos financiamentos da casa própria, que estavam paralisados há anos. Estavam paralisados porque a Caixa Econômica não tinha os recursos. E não tinha os recursos porque os estados e municípios não tinham como pagá-los.

Foi preciso refazer a dívida dos estados e municípios, coisa que pude fazer quando era Ministro da Fazenda, para permitir que houvesse um filete de recursos, de novo, de volta à Caixa, para que a Caixa pudesse devolver esses recursos aos próprios estados e municípios, sob a forma, agora, de programas habitacionais. Por isso, peço sempre aos Senadores que não tomem decisão precipitada. Não vamos pagar mais. “Como não vai pagar mais? Se não pagar, não tem como atender, depois, à população.” Não existe mais, hoje, oposição entre estado, município e União. Temos que nos entender, porque nós – estado, município e União – temos um único objetivo: atender ao povo.

Então, nós temos que ver como é que criamos os fios de recursos, capazes de permitir o atendimento. Começamos a fazê-lo. Existe já, hoje, um começo de programas, entre os quais essa caderneta, que acho que se chama Azul, Poupança Azul Imobiliária. Bom, por que o brasileiro que está lá fora não pode participar dessa Poupança Azul Imobiliária? Vai poder. Ele vai depositar o seu recurso na Caixa Econômica. Amanhã, ou depois, teremos agências nos locais de maior presença de brasileiros no exterior, para que também se qualifiquem e possam ter sua casa própria ao voltarem para cá.

Sei que muitos deles, sem esses recursos, estão mandando dinheiro exatamente para as famílias comprarem uma casinha no interior, para que, na volta, eles possam ter um local onde se abrigarem. É natural que o Estado se preocupe e construa também os mecanismos pelos quais possam ser atendidos. Mas não basta isso. A preocupação obsessiva de quem está no exterior é com os filhos e com a língua.

Quantos de nós estivemos no exterior? Eu tive esse caso. Minhas filhas não falavam português. Porque se perde... Não é que não saiba, mas a criança, se não for cultivada na língua materna, passa para outra língua. E, mesmo que saiba, não sabe escrever na língua materna. Na verdade, deixam de falar a língua materna, porque entram em contato com crianças do local onde vivem e se envergonham de falar outra língua que não a língua do local. Os pais, por sua vez, se envergonham de falar a língua do local porque falam mal. Mas os filhos falam mais depressa e aprendem-na logo; e desaprendem a língua materna.

Pois bem, o Maurílio Ferreira Lima, com essa capacidade incansável de produzir idéias e ações, se movimentou, e, com o apoio do Secretário Sérgio Amaral, foi possível fazer um convênio que vai permitir que, com o ensino à distância que estamos fazendo aqui, no Brasil, para as escolas nossas, também alcancemos, numa primeira fase, os Estados Unidos e, depois, o Japão, via Pequim.

Isso com apoio da Fundação Roberto Marinho. Vamos criar um sistema de ensinamento da língua portuguesa, e não só da língua, mas de geografia, de história, para que não percam o liame, o laço com o Brasil os filhos dos que estão trabalhando lá fora. A Radiobrás vai levar adiante esse programa.

Enfim, estamos, na verdade, cumprindo o que é nosso dever, que é de estar sempre dando atenção aos brasileiros, estejam eles aqui ou lá fora. Mas os que estão fora se sentem mais abandonados. A sensação, muitas vezes, de abandono é a pior que existe. Você, no fundo, acha: “Mas, meu Deus do céu, será que não me querem mais lá no meu Brasil?” Nós temos que mostrar, concretamente, que sim, que nós queremos e que nós entendemos a situação, que é transitória.

Daí a presença do Prefeito de Governador Valadares, muito gratificante para nós, porque é uma das regiões que mais têm contribuído em termos de emigração. Portanto, nós temos que atender a esses brasileiros, mineiros brasileiros, que lá estão.

O Governador veio aqui em função disso, e nós estamos é prestando contas, dizendo que, efetivamente, o Itamaraty – as palavras do Ministro foram muito apropriadas – tem que prestar serviço, e prestar com

cortesia, prestar com uma devoção que não seja sentida como se fosse alguma coisa que humilha. Ao contrário, é dever nosso prestar serviços. Nós estamos estendendo esses serviços às instituições previdenciárias, à questão da Caixa Econômica e àquilo que é essencial, que é a possibilidade de eles se sentirem mais perto de nós, através de programas radiofônicos.

É um começo, mas é preciso começar. E nós estamos começando. Estamos reconstruindo esses canais de solidariedade, que são tão importantes para que nós todos nos sintamos parte de uma mesma nação, ainda quando vivendo – temporariamente, espero – longe dela.

Agradeço muito o esforço feito pelos que trabalharam nisso, sobretudo a Secretaria de Comunicação Social, e a presença de todos aqui. E vamos, agora, continuar trabalhando nessa direção e aperfeiçoando mais e mais os nossos mecanismos de integração à distância e de reintegração à pátria dos brasileiros que estão emigrados.

Muito obrigado.